

Doutrina de Deus: Atributos de Deus (Parte 20): Amor de Deus

Seção 03 / Aula 20

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 10/04/2024, 20:00:10 (horário de São Paulo)

Aula original: August 5, 2015

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 03](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

O amor de Deus nas Escrituras

Estávamos estudando o atributos morais de Deus e concluímos a seção sobre a santidade de Deus. Hoje queremos nos voltar para a outra faceta do caráter moral de Deus, e esse é o amor de Deus. Se Deus fosse simplesmente um Deus de justiça e não fosse um Deus de amor, então estaríamos em sérios apuros! Então estamos muito gratos por poder estudar não apenas a santidade e a justiça de Deus, mas também o maravilhoso amor de Deus. Vejamos alguns dados bíblicos sobre o amor de Deus. Então, vamos dar uma olhada em alguns dados bíblicos a respeito do amor de Deus.

Em primeiro lugar, as Escrituras indicam que a natureza de Deus é amorosa. Deus é essencialmente amoroso. 1 João 4:7-21: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

Amados, se Deus nos amou de tal maneira, nós também devemos amar uns aos outros. Nunca ninguém viu Deus. Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado. Nisto conhecemos que permanecemos nele e que ele permanece em nós: pelo fato de nos ter dado do seu Espírito. E nós temos visto e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele permanece em Deus. E nós conhecemos o amor e cremos neste amor que Deus tem por nós.

Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele. Nisto o amor é aperfeiçoado em nós, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, assim como ele é, também nós somos neste mundo. No amor não existe medo; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o medo. Porque o medo envolve castigo, e quem teme não é aperfeiçoado no amor. Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: “Amo a Deus”, mas odiar o seu irmão, esse é mentiroso. Pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

E o mandamento que dele temos é este: quem ama a Deus, que ame também o seu irmão.” (NAA) Observe que, de acordo com João, o amor de Deus não é algo adventício a Deus – uma propriedade contingente que Deus simplesmente exhibe. Pertence à própria essência de Deus –

Deus é amor. Portanto, o amor é de natureza divina e se manifesta em relação a nós. Portanto, Deus não é apenas um Deus de santidade e justiça, mas também um Deus de amor. Como disse um autor: “Graças a Deus, por Deus!” que Deus é assim.

Segundo: o amor de Deus é incondicional. Isso já está indicado na passagem que acabamos de ler. Deus nos ama não porque nós o amamos, mas porque ele nos amou primeiro. Portanto, o amor de Deus não depende de o amarmos primeiro. Seu amor é incondicional. Mas esta não é uma peculiaridade do Novo Testamento. Isto também se aplica ao amor de Deus expresso no Antigo Testamento para com o seu povo Israel. Veja Deuteronômio 7:7-8, onde Deus descreve por que escolheu Israel como seu. Ele diz no versículo sete: “O SENHOR os amou e os escolheu, não porque vocês eram mais numerosos do que outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos.

Mas porque o SENHOR os amava e, para cumprir o juramento que tinha feito aos pais de vocês, o SENHOR os tirou com mão poderosa e os resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito.” (NAA) Aqui o Senhor diz que não é algo sobre Israel que os tornou particularmente amáveis ou dignos. É simplesmente a escolha soberana de Deus. Ele simplesmente os escolheu. Ele os ama. Não havia nada em Israel que o tornasse particularmente digno do amor de Deus. O amor de Deus é incondicional. Esta mesma verdade é ensinada no Novo Testamento.

Por exemplo, veja Efésios 2:4-5. A carta de Paulo à igreja de Éfeso. Paulo diz: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossas transgressões, nos deu vida juntamente com Cristo — pela graça vocês são salvos —” (NAA) Aqui Paulo diz que mesmo quando estávamos espiritualmente mortos em nossos pecados, Deus nos amou com este grande amor, e então nos vivificou em Cristo. E esta é uma expressão de Sua graça, seu favor imerecido para conosco. É o amor incondicional de Deus.

E finalmente, veja a carta a Tito – Tito 3:3-5, que é uma das passagens mais ricas do Novo Testamento, em minha opinião. Aí Paulo diz: “Pois nós também, no passado, éramos insensatos, desobedientes, desgarrados, escravos de todo tipo de paixões e prazeres, vivendo em maldade e inveja, sendo odiados e odiando-nos uns aos outros. Mas quando se manifestou a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor por todos, ele nos salvou, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a sua misericórdia. Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,” (NAA) Observe o que Paulo diz aqui.

A bondade e a bondade amorosa de Deus são demonstradas para conosco não por causa de atos de justiça que havíamos feito, mas simplesmente em virtude de sua própria misericórdia. É simplesmente uma expressão do amor incondicional de Deus. A palavra aqui para bondade amorosa é filantropia de onde vem a palavra “filantrópico”. É a vontade ou o amor de Deus para com as pessoas. Deus ama as pessoas. Portanto, ele procurou estender sua graça a nós e nos salvar. Portanto, a primeira qualidade que queremos destacar do amor de Deus é a sua natureza incondicional.

Em segundo lugar, o amor de Deus é imutável, ele não munda. Deus não vai retirar seu amor de você em algum momento no futuro. Jeremias 31:3 fala do amor imutável de Deus. Ali o Senhor diz: “Com amor eterno eu a ame; por isso, com bondade a atraí.” (NAA) Então Deus não vai se

cansar ou se faltar de nós e retirar seu amor. Seu amor não envelhecerá e perecerá. É um amor eterno que ele estendeu a nós. Finalmente, o amor de Deus é universal. Não se estende apenas a algumas pessoas, mas é universalmente estendido.

João 3:16, Jesus diz: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (NAA) Observe que o objeto do amor de Deus aqui não é o seu povo. Não é a igreja. Não são os eleitos. É “o mundo”. É o mundo incrédulo das pessoas que Cristo veio para salvar que Deus tanto amou que ele enviou seu único Filho para morrer por eles. Este é um amor universal que se estende para cada pessoa que Deus cria.

Portanto, o amor de Deus é incondicional; é imutável; é universal. Alguma dúvida?

Amor e justiça

Está bem, o que podemos dizer sobre o amor de Deus? Acho que o que queremos dizer é que o amor de Deus é um tipo peculiar de amor que os autores do Novo Testamento chamam de amor ágape. Este não é o tipo comum de amor que os seres humanos demonstram uns pelos outros. Esta é uma palavra usada para descrever o amor de Deus, que é esse amor incondicional, imparcial e universal que se estende à humanidade. O caráter de Deus é tal que ele é tão amoroso quanto santo. Nenhum destes pode ser comprometido.

São igualmente atributos que pertencem à própria essência ou natureza de Deus. Deus é tão amoroso quanto santo. Isto, é claro, leva a um grande paradoxo. Significa que Deus ama o pecador tão intensamente quanto odeia o seu pecado. Deus odeia seu pecado porque viola a santidade de Deus. No entanto, Deus ama a pessoa que comete e é culpada desse pecado. Romanos 5:8 diz o seguinte: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores.” (NAA) Isto é o que há de notável no amor de Deus – ele não se estende àqueles que são redimidos, que são o seu povo, que buscaram a sua graça.

Estende-se aos inimigos de Deus – às pessoas que são pecadoras e que têm o rosto oposto a Deus. São aqueles que Deus ama tanto que envia Cristo para salvá-los. Acho que temos uma tendência a suavizar isso. Não entendemos esse tipo de amor. Achamos que certamente deve haver algo em nós que nos torne amáveis e que leve Deus a nos amar. Portanto, tendemos a retratar as pessoas perdidas como cordeirinhos perdidos que estão vagando do rebanho de Deus, e Deus estende a mão para trazer de volta esses cordeirinhos perdidos que estão inocentemente desgarrados do rebanho.

Não entendemos que, do ponto de vista bíblico, não somos vítimas inocentes e perdidas. Somos rebeldes odiosos que se opuseram a Deus na sua cara e que balançam os punhos na sua cara em oposição a ele. É por isso que Paulo se refere a nós como inimigos de Deus. Quando éramos inimigos de Deus, Cristo veio e morreu por nós. No entanto, essa é a tremenda verdade deste paradoxo. Por mais pecadores e opostos a Deus que sejamos, por mais indignos de seu amor que sejamos, Deus nos ama tão intensamente quanto odeia nosso pecado.

Portanto, são o amor e a justiça de Deus juntos que impulsionam a sua redenção e que nos motivam a procurar Deus e encontrá-lo. Lembro-me muito bem, como não-cristão, quando ouvi pela primeira vez o Evangelho de Cristo, fiquei impressionado com a mensagem do amor de

Deus. A ideia de que o Deus do universo pudesse amar um verme lá embaixo, naquele grão de poeira chamado planeta Terra, como Bill Craig, simplesmente me impressionou. Fiquei pasmo ao pensar que o Deus que criou o universo inteiro poderia me amar. No entanto, ao mesmo tempo, percebi que, como pecador cujo coração era negro, estava sob a condenação e a ira deste Deus santo e justo que me amava.

Juntos, eles me levaram a Cristo. O amor de Deus me atraiu, mas a justiça e a santidade de Deus me impeliram para os braços de Cristo. Assim, o amor e a justiça de Deus trabalham juntos para levar as pessoas a Cristo. Há algum comentário ou discussão sobre esse entendimento do amor de Deus na natureza?

Perguntas e respostas

Aluno: Dr. Craig, ouvi muitos teólogos católicos romanos falando sobre o amor de Deus. Às vezes eles falam como se... quando citam 1 João dizendo “Deus é amor”, eles dizem que Deus é o que Deus é em sua essência e e todo o resto flui disso. Portanto, a santidade de Deus flui do fato de que Deus é amor. O poder de Deus flui do fato de que Deus é amor. O conhecimento de Deus flui do fato de que Deus é amor. Então Deus é o alicerce e todos os outros atributos são uma espécie de crescimento ou fluir disso.

O que o senhor pensa disso? Dr. Craig: Não vejo nada disso na passagem. Acho que o que João está dizendo é que o amor pertence à essência de Deus, mas é evidente que a propriedade de ser amoroso não é a mesma coisa que a propriedade de ser santo ou justo. Na verdade, eles parecem ser opostos em muitos aspectos. Uma pessoa perfeitamente e implacavelmente justa simplesmente não mostrará misericórdia ou amor. Eles são, em certo sentido, opostos um ao outro. É por isso que temos esta situação paradoxal. Da mesma forma, existem outras propriedades de Deus, como sua espiritualidade ou sua incorporeidade, ou sua onisciência, ou sua eternidade que não são expressões de seu amor.

Estas são apenas propriedades diferentes. Então eu diria que Deus tem um grande número de atributos essenciais que pertencem à sua própria natureza e é demasiado simplista tentar reduzi-los tudo para um atributo e ver os outros fluindo dele. Aluno: eu ia pedir sua resposta para... dizemos que o amor de Deus é incondicional, mas como isso não é universalismo? Por exemplo, e como podemos dizer que é incondicional quando a salvação está condicionada à fé, por exemplo? Dr. Craig: Quando digo que é incondicional, quero dizer que não há condições que uma pessoa deva cumprir para que Deus a ame.

E acho que isso é francamente verdade. Deus ama não apenas os eleitos; ele também ama os condenados. Ele ama aqueles que o rejeitam e rejeitam a sua graça e se separam dele para sempre. Eu não acho que devemos comprometer o amor de Deus dizendo que Deus realmente não ama os não-eleitos ou que ele realmente não ama as pessoas que o rejeitam e se separam dele para sempre. Parece-me que o testemunho do Novo Testamento é que Deus ama o mundo e como dizem as Escrituras, ele não deseja que ninguém pereça mas que ele deseja que todas as pessoas cheguem ao conhecimento de si mesmo.

Então acho que o amor dele é incondicional. Agora a salvação tem condições. Isso é verdade. A salvação requer uma resposta de fé por parte da pessoa que tem que aceitar a graça de Deus, mas isso não quer dizer que o amor de Deus seja condicional para essa pessoa. Portanto, não

confunda os dois, eu diria. Aluno: Eu ia apenas fazer um comentário sobre o amor de Deus. Também está muito claro nas Escrituras que ele disciplina aqueles que ama. Se você ler em Hebreus 12:7-8: “É para disciplina que vocês perseveram. Deus os trata como filhos.

E qual é o filho a quem o pai não corrige? Mas, se estão sem essa correção, da qual todos se tornaram participantes, então vocês são bastardos e não filhos.” (NAA) Acho que está claro que recebemos uma – esta provavelmente não é a melhor palavra para usar – uma espécie de julgamento de Deus, pelo menos nesta vida, a fim de nos disciplinar. Dr. Craig: Sim, diz que sua disciplina é por causa de seu amor. Se ele não nos disciplinasse, não seria um pai amoroso. Um pai amoroso não é aquele que deixa o filho correr solto e não tenta moldá-lo para ter um caráter moralmente maduro.

Esse é um bom lembrete. Penso que também nos lembra o fato de que o sofrimento não é incompatível com o amor de Deus. Eu pensei que isso seria algo que alguém poderia levantar em conexão com esta lição, embora eu tenha optado por não fazê-lo – ou seja, o problema do sofrimento. Se você diz que Deus nos ama da maneira que descreveu, então como ele pode permitir que um sofrimento tão horrível entre nas vidas das pessoas, e até mesmo de seus próprios filhos? Acho que seu lembrete é bom. O amor não é de forma alguma inconsistente com o sofrimento.

Pode haver disciplina que precisa ser assumida por Deus como um amoroso Pai celestial que, em última análise, será para o nosso próprio bem, se respondermos a ela da maneira certa. Aluno: Mais um comentário rápido sobre a universalidade do seu amor. Não sei qual versículo é – Creio que é no Evangelho de Mateus onde Cristo diz que “a chuva cai tanto sobre justos como sobre injustos”. Dr. Craig: Sim, vou dizer algo sobre esse versículo mais tarde na seção de aplicação prática. Aluno: Eu estava pensando o problema de distinguir um cristão que realmente está agindo moralmente por causa de ser receptivo à graça de Deus versus o não-cristão que está apenas agindo decentemente porque eles têm uma natureza decente, mas não estão realmente submissos a Deus.

E então eu meio que, para analisar esses dois, eu estava pensando em o que torna o cristão receptivo à graça de uma forma que um não-cristão que amou e viu evidências de Deus no mundo, mas não se rebela conscientemente, mas simplesmente não acredita ou é de uma religião diferente ou algo parecido. O que os separa? Dr. Craig: Isso é muito difícil de responder. No que diz respeito aos cristãos, pelo menos, existe esta comovente ditado de Jesus que aquele que foi perdoado muito ama muito. Aqueles que foram salvos de uma vida de pecado consciente muitas vezes terão um tipo de amor por Deus que é mais profundo do que a pessoa que é, como você diz, apenas meio que sempre viveu obedientemente as exterioridades da vida cristã.

Acho que essa é uma das razões pelas quais ter uma doutrina saudável e robusta sobre o pecado é realmente muito útil para nós espiritualmente. Porque somos todos pecadores miseráveis e miseráveis. Mesmo o melhor de nós – todos nós – deveria cair na categoria daquele que foi muito perdoado. Mas muitas vezes não percebemos isso porque pensamos que somos caras bastante decentes afinal, se não cometemos pecados graves. Mas uma doutrina robusta do pecado deveria ajudar-nos a responder a Deus com um amor e devoção mais profundos se realmente entendermos o quanto fomos perdoados.

Com respeito ao incrédulo, por que é que o incrédulo não tem aquele profundo sentimento de pecado e necessidade de perdão? Eu acho que se o incrédulo realmente entendesse quão moralmente miserável ele é e que Deus enviou Cristo para morrer para perdoo-lo que possa evocar naquela pessoa um sentido mais profundo do amor de Deus. Mas sem essa profunda consciência do pecado, duvido que as pessoas realmente conheçam a Cristo e o sirvam. Você tem que ter esse senso de sua própria necessidade primeiro. Essa é a obra do Espírito Santo. A Escritura diz que Deus envia o Espírito Santo para convencer o mundo do pecado, da justiça e do julgamento.

Infelizmente algumas pessoas resistem ao Espírito Santo. Eles não permitem que ele convença seus corações. Eles suprimem ou reprimem o Espírito. Eu estava lendo esta semana o discurso de Estêvão no livro de Atos antes de seu martírio. Ele disse sobre os líderes judeus de sua época: “Homens teimosos [...] vocês sempre resistem ao Espírito Santo.” (NAA) (Atos 7:51). Isso parece ser o que muitos incrédulos fazem. Então eles não têm esse profundo senso de necessidade ou do amor de Deus por eles, que evocaria amor em seus próprios corações. Isso é o melhor que posso fazer em resposta a essa pergunta.

Aluno: Você pode dizer que o amor de Deus é expresso até mesmo para os incrédulos porque ele não os aniquila – eles têm uma vida, eles podem ser seus próprios Deus para a eternidade e sofrer essa alienação. Satanás disse a Adão e Eva no jardim: Vocês serão como deuses. Você conhecerá o bem e o mal. Parte disso era verdade, mas ele não lhes contou que o resultado disso seria que eles conheceriam a separação. Deus conheceu a separação primeiro quando separou Satanás e os anjos de si mesmo. Assim, eles compreendem o círculo completo dessa situação, mas não são aniquilados.

Esse foi um pensamento que me veio à mente sobre isso. Dr. Craig: Falaremos mais sobre o destino dos condenados após a morte. Algumas pessoas acreditam no aniquilacionismo. Eles pensariam que isso seria uma extensão da misericórdia de Deus, na verdade, aniquilar os condenados em vez de permitir que sofram para sempre. Voltaremos a essa questão quando chegarmos ao estado da alma após a morte e a doutrina das últimas coisas. Estou inclinado a ver a doutrina do inferno como uma expressão da justiça e da santidade de Deus, em vez de uma expressão do seu amor.

Vejo o céu e a salvação como a expressão do amor de Deus, e o inferno como a expressão da sua ira e justiça e santidade. Aluno: O outro pensamento que tive foi se disséssemos, e concordo que o amor de Deus é um atributo e não algo substancial, porque se dissermos que Deus é amor, então como A. W. Tozer apontou que o outro lado seria o amor é Deus e isso não é substancialmente verdade. Dr. Craig: Sim, não é uma declaração de identidade. A palavra “é” aqui não é um “é” de identidade.

Como diz Clinton, tudo depende do significado da palavra é [risos]. Por exemplo, você poderia dizer “Cícero é Tully”. Ou seja, é uma declaração de identidade. Esses eram dois nomes da mesma pessoa. Mas se você disser: “Cícero é o maior orador romano”, isso não é uma declaração de identidade. É atribuir uma propriedade ou um atributo a Cícero. Da mesma forma aqui, como você diz, quando João diz “Deus é amor” ele não está fazendo uma declaração de identidade. Ele está fazendo uma predicação de que Deus tem essencialmente a propriedade do amor. Pertence à natureza de Deus.

Algum outro comentário? Aluno: Espero poder colocar isso nas palavras certas aqui. Então, estou tentando entender toda essa coisa de amor. Indo para o começo, quando não havia nada exceto Deus, estou tentando entender o sentido do amor. Existe realmente um sentido nisso? Enquanto penso nisso, existe um Deus triúno então isso vai por aí. Pelo que entendi agora, o Deus triúno sempre existiu porque estou olhando versículos onde Cristo foi gerado. Parece-me que houve um começo para o Deus triúno. Dr. Craig: A doutrina clássica da geração do Filho é que ela é eterna.

É como a luz do sol vinda do sol. O sol nunca existe sem seus raios. Obviamente, o sol não vem dos raios. Os raios vêm do sol. Da mesma forma, os pais da igreja disseram que o Filho é eternamente gerado do Pai. Aluno: Acho que era disso que eu precisava ser lembrado. Obrigado. Dr. Craig: Falaremos sobre isso quando chegarmos à doutrina da Trindade porque este é um ponto muito importante que foi abordado aqui. Se estou certo, o amor é da própria essência e natureza de Deus então, quando não havia nada (quando não havia seres humanos para amar), então a quem Deus amou?

Não há ninguém para amar além de Deus. Aluno: isso é exatamente o que eu estava tentando entender. Se não existisse Trindade e existisse apenas o Pai, então qual é o sentido do amor? Dr. Craig: E este é, penso eu, um argumento muito bom a favor de uma pluralidade de pessoas dentro de Deus, em oposição ao Unitarismo, que diz que Deus é apenas uma pessoa. Por exemplo, o Islã é uma forma de Unitarismo. Existe apenas uma pessoa que é Deus. Mas se Deus é essencialmente amoroso, é da natureza do amor entregar-se ao outro.

Um Deus unitário não pode fazer isso; não pode ser essencialmente amoroso. Isto dá, penso eu, uma razão muito persuasiva para pensar que existe uma pluralidade de pessoas dentro do próprio Deus, de modo que dentro da divindade existem relacionamentos de amor eternos que existiram desde sempre e agora são manifestados em relação aos seres humanos com a criação do mundo. Voltaremos a isso quando chegarmos à Trindade. Mas acho que você viu uma implicação muito importante da noção de que Deus é essencialmente amoroso. Sugere uma doutrina da Trindade. Bem, da próxima vez veremos a aplicação prática deste atributo de Deus ser amoroso em nossas próprias vidas.

Enquanto isso, vamos inclinar nossas cabeças. Que o Senhor te livre de todo mal e te salve para o Seu Reino celestial a Ele seja a glória para todo o sempre.

Referências

A. W. Tozer, comentário sobre a distinção entre Deus e o atributo do amor, mencionado sem título de obra.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2015 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original:

<https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-doctrine-of-god-attributes-of-god/doctrine-of-god-part-20/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-atributos-de-deus-parte-20/>